

O ENSINO BILÍNGUE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLAS PARTICULARES DE PAULÍNIA

Ana Luísa Lazarini

Pedagoga formada pela UNIFACP – Centro Universitário de Paulínia

João Gilberto Vedovello

Mestre em Administração, Especialista em Gestão Estratégica de Negócios. Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso da autora.

RESUMO

O presente artigo reúne as práticas utilizadas em cinco escolas bilíngues da cidade de Paulínia, interior do estado de São Paulo, apresentando as possibilidades de procedimentos e recursos para a implementação da educação bilíngue (Português X Inglês) durante a fase de alfabetização, considerando o ano final da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I. O estudo foi realizado a partir de pesquisa dos temas e a elaboração de um questionário respondido por responsáveis das instituições de ensino, tendo como objetivo identificar quais recursos são utilizados para desenvolver o conhecimento de ambas as línguas, simultaneamente, além de compreender o papel do Letramento durante esse processo. Os resultados indicam que ainda são poucas as escolas que realmente conseguem ofertar o ensino bilíngue, considerando e respeitando a diretriz do Conselho Nacional de Educação, visto que apenas uma das entrevistas poderia se enquadrar na categoria bilíngue, tendo as demais se enquadrado como escolas com carga horária estendida em idioma adicional; também foi evidenciado que a alfabetização bilíngue é uma opção válida de ensino, pois a partir dos elementos avaliados não foi notada nenhuma dificuldade de aprendizagem em decorrência do estudo de dois idiomas simultaneamente.

Palavras-chave: Bilinguismo. Alfabetização. Aprendizagem. Letramento.

INTRODUÇÃO

O bilinguismo é considerado o fato de um indivíduo conseguir se comunicar de forma eficaz, ou seja, expressar seus sentimentos, vontades e desejos, em duas línguas distintas. No caso deste trabalho, o português como língua materna, e o inglês como língua secundária.

Para que seja possível um entendimento sobre o que é a alfabetização bilíngue, primeiro deve-se trabalhar os conceitos de alfabetização e letramento. O primeiro deles, é entendido como um processo que acontece muito antes de a criança ser inserida no ambiente escolar. Afinal, ela possui contato com a cultura e ambientes sonoros, como a interação com a sociedade, televisão, rádio, vídeos, entre outros. E somente depois, que ela já está familiarizada com, por exemplo, logos de produtos que tem em casa, palavras de placas da cidade, o nome dos pais e o próprio, que ela irá começar a treinar a escrita das palavras já conhecidas. Já o segundo conceito, é considerado como a leitura social competente, ou seja, ler e compreender o que se está lendo, nas mais diversas situações do dia a dia. Saber diferenciar os ambientes e ter o discernimento na escolha da linguagem que será utilizada em cada um deles. A alfabetização bilíngue, pode ser entendida como o processo de inserir atividades cotidianas não somente na língua materna, mas em uma secundária também. Dessa forma, o aluno, irá tendo contato com músicas, vídeos, palavras e expressões, mesmo sem saber como escreve-las ainda.

Assim como no processo de alfabetização usual da língua materna, a alfabetização bilíngue também possui várias metodologias, e não somente um caminho para o ensino-aprendizagem. Desta forma, este artigo reúne as possibilidades de procedimentos para compreender a educação bilíngue no ano final da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental I.

Portanto, esse trabalho justifica-se a partir da necessidade de acabar com as desinformações, reunir fatos acerca desse processo de ensino-aprendizagem e, definir as vantagens do ensino bilíngue.

1. O BILÍNGUISTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Na sociedade atual brasileira, dominar o inglês não é mais uma vantagem e sim uma necessidade, principalmente quando se observa o âmbito do mercado de trabalho. Diante dessa realidade, e considerando que vivemos em um mundo capitalista, começaram a surgir escolas de ensino bilíngue, na qual o “produto” é o conhecimento e desenvolvimento da língua nacional e estrangeira, no caso desta pesquisa, o Português e o Inglês.

Assim, o bilinguismo neste trabalho é definido, assim como defendido por John Macnamara (1967), como o fato de o indivíduo ter um mínimo conhecimento em uma das quatro habilidades, sendo elas: audição, fala, escrita e leitura. E não segundo Leonard Bloomfield (1993), que entende como bilíngue somente a pessoa que apresenta pleno domínio não somente na Língua Materna como também na Língua Estrangeira.

Em complemento à ideia apresentada de Macnamara, os autores Siqueira, Hubner e Wilson (2017) concluem que o bilinguismo se estende à habilidade de expressar suas vontades, desejos e pensamentos rotineiros, em ambos os idiomas, e desta forma ser capaz de suprir suas necessidades básicas.

Em um ambiente escolar, ao implementar o ensino de um segundo idioma, neste caso o Inglês, deve-se seguir algumas diretrizes nacionais de educação plurilíngue aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), para que seja feita a classificação correta da escola.

Atualmente, segundo a classificação acima citada, existem três categorias de escolas que trabalham em dois idiomas, são elas: Internacional, as que apresentam currículo escolar através da segunda língua, assim como a adoção de materiais e técnicas de outro país; a Bilíngue, que estimula o conteúdo em dois idiomas, não somente em aulas específicas e extracurriculares, mas também no currículo básico da educação; e por fim, a escola com Carga Horária Estendida em Idioma Adicional, que se enquadram as escolas que dispõem de um maior tempo de exposição em língua estrangeira, porém não ao nível necessário para ser considerada uma escola bilíngue.

Outro aspecto que também deve ser considerado ao atribuir as denominações citadas acima, é ao tempo de exposição dos estudantes à língua estrangeira, pois as escolas públicas de nível básico devem seguir os seguintes parâmetros:

Quadro 01: Porcentagem de exposição à Língua Estrangeira.

NÍVEL	MÍNIMO (%)	MÁXIMO (%)
Educação Infantil	30	50
Ensino Fundamental	30	50
Ensino Médio	20	-----

Fonte: Desenvolvido pela autora (2022).

Logo, para que uma escola tenha o diferencial de ser considerada como Escola com Carga Horária Estendida em Língua Adicional, é necessário que o tempo de exposição dos alunos à língua estrangeira seja superior a 50% do total de aulas lecionadas, como já definido por lei para a educação básica e para ser reconhecida como uma Escola Bilíngue, assim como a Escola Internacional, é preciso que a língua inglesa seja utilizada a todo momento, e esteja presente em todas as matérias do currículo, com exceção de Língua Portuguesa e Gramática.

Ainda segundo o CNE, as Escolas com Carga Horária Estendida em Língua Adicional, não são consideradas bilíngues pois, por mais que englobem o desenvolvimento em mais de uma língua, dessas instituições só é cobrado a apresentação do currículo escolar da Língua Portuguesa, mesmo que promovam o aprendizado de competências e habilidades em línguas adicionais. Por isso, nesse caso o ensino não ocorre necessariamente oportunizando a mesma quantidade de experiências em ambas as línguas, mas sim revezando entre elas a fim de que os conteúdos curriculares sejam trabalhados da melhor maneira, sem haver danos no aprendizado da LM ou da LE.

Para que seja possível a implementação de um ensino bilíngue nas instituições educacionais, é necessária a formação específica e profunda dos professores e profissionais que atuarão na escola, para que realmente haja um local que possibilite as experiências que a língua estrangeira trará para os estudantes, sendo elas: a cultura, culinária, idioma, expressões, costumes, etc.

Além de contextualizar aos alunos as oportunidades que eles terão com esse novo idioma. Oportunidades essas definidas por Flory e Souza, como:

O contato com outras culturas pode ampliar nossa forma de ver o mundo, proporcionando experiência de vida, cultura geral e possivelmente erudição, entre outros fatores. Num nível profissional, abre as portas para o estudo e trabalho em outros países, bem como para oportunidades de estudo e de trabalho em seu próprio país que requeiram competência em outra língua, por exemplo. (FLORY; SOUZA, 2009, p.24).

Por fim, para este trabalho o ensino desenvolvido dentro da escola a partir de duas línguas, considerando o português e o inglês, será compreendido como educação bilíngue. Sendo que o grau de utilização de cada língua durante esse processo pode variar de um ambiente escolar para o outro.

Desta forma, o ensino bilíngue busca utilizar a língua estrangeira com o objetivo de construir em conjunto com os alunos o conhecimento escolar básico, e não apenas apresentar palavras e vocabulários soltos e descontextualizados. Ou seja, em uma instituição considerada bilíngue, a LI não é implementada como uma matéria avulsa no currículo escolar, mas sim como um meio de se trabalhar a interdisciplinaridade acadêmica e reforçar assuntos e conceitos apresentados também em outras matérias.

Outro fator que deve ser ressaltado é de que apesar de se tratar de duas línguas, ambas devem ser igualmente reconhecidas pelos envolvidos (profissionais da escola, pais e responsáveis, e alunos), notando que cada uma possui sua importância e necessidade. Afinal, o bilinguismo é o acréscimo de uma segunda língua durante a aprendizagem, e não a substituição da língua materna.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para compreender os recursos utilizados para facilitar o estímulo do desenvolvimento da alfabetização bilíngue, é necessário antes, definir os conceitos de Alfabetização e Letramento, que estão abaixo apresentados.

Segundo Soares (2004), os conceitos ocorrem em dois processos distintos, visto que pode haver pessoas analfabetas que são letradas, assim

como pessoas alfabetizadas que não são letradas. Porém dentro do ensino formal, ou seja, no ambiente escolar, ambos processos de ensino-aprendizado se desenvolvem juntos e atrelados. Pois:

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004).

Ainda segundo Soares, a alfabetização é:

[...] dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, [...], mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (SOARES, 1998, P.33).

Ou seja, para esta autora, a alfabetização é a ação de oportunizar ao indivíduo o entendimento da codificação (escrever) e decodificação (ler), além de desenvolver o discernimento e compreensão do uso adequado e contextualizado da escrita, respeitando e atendendo às funções a que esta corresponde na sociedade. Desta forma, ao ser inserido ao mundo letrado (letramento), o indivíduo será capaz de exercer sua cidadania e papel ativo em sua comunidade.

Cagliari (1998), completa esta definição ao concluir que o processo de alfabetização está em constante mudança e aprimoramento, pois há sempre criações de novas regras e atualização das regras já existentes, a fim de melhorar a capacidade de compreender e decifrar o que está escrito. Estas regras podem ser entendidas como as gramaticais (palavras, acentos, concordâncias nominais), textuais (características que devem estar presentes de acordo com cada tipo e gênero textual), figuras de linguagens (eufemismo, ironia, sarcasmo, ...), entre outros âmbitos da escrita.

Afinal antigamente, a alfabetização era entendida somente como o ato de ensinar mecânico, no qual as crianças aprendiam a decodificar e codificar os símbolos e seus significados, possuíam foco total na gramática não podendo

cometer “erros”, e recontando histórias engessadas. Já na modernidade, pode-se observar que a definição de alfabetização já não segue mais o antigo costume, os autores -em sua maioria- defendem os conceitos acima apresentados como o fato de tornar a criança um ser ativo em um mundo no qual era passiva, contextualizando o caráter social e crítico da leitura e escrita. Reforçando e estimulando a leitura eficaz, que possui sentido, razão e objetivo de transformação.

3 - METODOLOGIA

Para a realização deste artigo, foram realizadas pesquisas bibliográficas a fim de reunir informações e definições de conceitos como o bilinguismo, segundo autores considerados referências no assunto: Flory e Souza (2009), Pearson, Fernandez e Oiler (1993), Siqueira, Hubner e Wilson (2017), Hatch e Brown (1995), Bloomfield (1993), MacNamara (1967), Hamers e Blanc (2000), além do dicionário Oxford Languages (2022), e da tradução por Passos (2017).

Além de bibliográfica, esta pesquisa possui caráter de estudo exploratório qualitativo ao contemplar os resultados encontrados a partir de análises dos relatos das práticas realizadas em 5 escolas particulares de Paulínia, e após observá-las busca-se atingir uma maior compreensão sobre o tema até aqui desenvolvido.

Com o objetivo de entrevistar escolas particulares de Paulínia, que se apresentam como bilíngue, e a partir da definição dos principais pontos daquilo compreendido como bilinguismo, foi elaborado um questionário (ANEXO 1) pela autora, por intermédio da ferramenta FORMS disponível no site GOOGLE, contendo questões objetivas, para serem assinaladas conforme a realidade encontrada na escola, e subjetivas, ofertando liberdade para as respostas; o link para preenchimento do mesmo foi entregue em 5 escolas particulares da cidade de Paulínia (SP) que possuíam como sistema de aprendizagem as línguas português e inglês; foi respondido por profissionais encarregados do ensino bilíngue destas instituições.

As questões objetivas possuíam uma escala gráfica dentro das possibilidades de resposta apuradas como as principais práticas e métodos do ensino bilíngue conforme a literatura pesquisada.

As questões subjetivas permitiam que os respondentes manifestassem livremente sobre o tema em questão, considerando a experiência dos mesmos naquilo que foi questionado.

Ainda sobre as subjetivas, as respostas obtidas serão apresentadas como R1, R2, R3, R4 e R5 na parte dos resultados, onde cada uma delas corresponde a um dos profissionais das instituições de ensino, responsáveis pelo ensino bilíngue.

A forma de avaliação e análise dos resultados obtidos neste trabalho, teve como base as teorias previamente apresentadas e discutidas, além do estudo dos gráficos gerados após o levantamento dos dados recolhidos a partir do questionário.

4 – RESULTADOS

A primeira parte do levantamento da pesquisa foi sobre o perfil dos entrevistados, através de questões abertas, sendo 4 mulheres e 1 homem. A média de idade apresentada foi de 38 anos e a de tempo de experiência na área do ensino bilíngue foi de 10 anos, o que demonstra que a maioria dos profissionais tem experiência relevante na sua área de atuação. Em 100% das respostas recebidas, ou seja, em todas as escolas participantes da pesquisa, a separação das turmas obedece ao critério das séries / idade, conforme a educação brasileira hoje é parametrizada.



Ao observar as respostas do questionário, nota-se que apenas uma das escolas entrevistadas pode ser denominada como Escola Bilíngue, pois segue os parâmetros previamente apresentados e definidos pelo CNE (Conselho Nacional de Educação) para esta classificação. Por outro lado, as outras 4 instituições de ensino devem ser classificadas como Escolas com Carga Horária

Estendida em Língua Adicional, pois ofertam uma maior porcentagem de tempo de exposição na Língua Estrangeira (Inglês) em relação às escolas regulares, porém seu currículo é baseado e desenvolvido a partir da Língua Materna (Português).



Ao analisar as respostas acerca dos recursos utilizados como auxílio para o desenvolvimento da segunda língua durante o último ano da Educação Infantil, observa-se que a ludicidade está presente a todo o momento, através de músicas, vídeos, imagens, e gestos/expressões, dados estes que informam a importância da contextualização do que se está trabalhando/aprendendo em sala.

Referente às lições de casa nesta mesma fase de ensino, são desenvolvidas atividades de traçar, colorir, recortar e colar, voltadas ao estímulo motor, além de ajudar a fixar os assuntos conversados durante as aulas.

Por outro lado, durante as séries iniciais do Ensino Fundamental, os recursos e métodos de desenvolvimento do aprendizado ocorrem de outra maneira, como é mostrado no gráfico abaixo.



Entende-se que apesar da ludicidade não deixar de fazer parte do processo de ensino, ela deixa de ser prioridade, enquanto há mais espaço para atividades voltadas à alfabetização, esta compreendida como a escrita correta das palavras, além do uso adequado da gramática para escrita de frases e pequenos textos, a fim de cumprir todo o livro didático.

Assim como as lições para casa passam a ser de prática da escrita, através de perguntas e respostas, atividades de completar frases, leitura e interpretação, assim como produção textual.

Com o intuito de avaliar a qualidade do ensino da instituição, do trabalho desenvolvido pelos professores, e reconhecer os avanços realizados pelos estudantes, é necessário a aplicação de avaliações. Estas podem ocorrer dos seguintes modos:



Ao analisar o gráfico, infere-se que as habilidades que são avaliadas no ensino bilíngue diferem do ensino básico de educação, pois a modalidade apresentada a partir deste artigo, ao implementar uma avaliação, são considerados os estímulos de quatro âmbitos: audição, oralidade, leitura e escrita.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegar às conclusões é necessário retomar que, estas, tiveram como ponto de partida as teorias apresentadas e discutidas, além do estudo e interpretação dos gráficos gerados com os dados recolhidos a partir das entrevistas realizadas.

Considerando as definições nacionais de educação plurilíngue aceitas pelos CNE, acerca das três especificações que definem a classificação das escolas que possuem foco em pelo menos dois idiomas durante o desenvolvimento de seu currículo, e após a análise dos resultados desta pesquisa, conclui-se que apesar do bilinguismo, dentro das instituições educativas ter ganhado força e reconhecimento da última década para cá, ainda são poucas as escolas que realmente conseguem ofertar o ensino bilíngue, pois a implementação desse processo é entendida como gradual e lenta, na qual o primeiro passo se refere à oferta de carga horária estendida em idioma adicional, o que já é realidade em parte das escolas particulares da cidade de Paulínia. Dessa forma, entende-se que essas escolas já estão atuando para tornar o ensino bilíngue uma realidade na cidade.

Sobre os recursos implementados ao longo do processo de ensino-aprendizagem bilíngue durante o último ano da E.I. percebe-se que os instrumentos consumidos em 100% das instituições analisadas, são as representações em imagens, jogos lúdicos e músicas, podendo assim, ser comprovada a importância do Letramento durante este processo, bem como a contextualização e uso de itens que fazem parte do cotidiano das crianças, oferecendo um aprendizado significativo para estas.

Em contra partida, apesar da utilização dos recursos lúdicos ainda estarem presentes durante o desenvolvimento do conhecimento da LE durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, foi compreendido através do levantamento dos gráficos, que a ludicidade já não é considerada pelas escolas como sendo a principal maneira de estimular o conhecimento das crianças. Pois, em 60% das escolas entrevistadas, logo no 1º ano do E.F., já é disposto os materiais didáticos apostilados, nos quais contém atividades de leitura e escrita, completar diálogos e produção de pequenos textos.

Através deste trabalho, foi compreendido que em meio às realidades observadas, as escolas utilizam o letramento como ferramenta de aprendizado com maior frequência para com os alunos que ainda não aprenderam a ler. E, ao iniciar o emprego de livros didáticos, o foco da educação se volta para o preenchimento destes, propondo muitas atividades de escrita e leitura, porém de textos já predeterminados pela apostila, sem considerar a realidade e peculiaridade de interesses de cada turma. Deixando em segundo plano a contextualização do ensino, o que se aprende, porque se aprende, e para que será utilizado o que foi aprendido.

Foi notado também, que além da ludicidade e letramento serem menos utilizados durante o desenvolvimento das aulas a partir do Ensino Fundamental, as atividades para casa também sofrem uma mudança brusca em que passa a ser praticado e estimulado somente a codificação e decodificação dos símbolos que até pouco tempo eram desconhecidos aos alunos.

Portanto, as análises sinalizam que a criatividade é bem cerceada pois em um primeiro momento os alunos possuem liberdade de criação e imaginação para se expressarem da maneira que quiserem, e no ano seguinte, a partir da alfabetização, são submetidos somente a atividades de completar diálogos e seguir gramáticas, mesmo através das propostas de produção textual, precisam acatar uma determinada forma de elaboração e discorrer um assunto preestabelecido.

Referente ao sistema de avaliação de escolas bilíngues, através desta investigação foi inferido que este processo decorre a partir de 4 especificidades, sendo elas: *Listening*, respectivo à compreensão do que foi escutado, tanto no sentido amplo (assunto abordado), quanto no restrito (cada palavra e expressão do diálogo); *Speaking*, referente à fala, considerando pronuncia e gramática, como a ordem das palavras, entonação e tempo verbal; *Reading*, leitura e interpretação de texto; e *Writing*, correspondente à produção textual, sendo avaliado a escrita correta das palavras, coerência, seguimento de regras gramaticais, e utilização dos vocabulários já conhecidos.

Mediante os dados expostos neste capítulo, conclui-se que a alfabetização bilíngue é uma opção válida de ensino, infere-se também que os recursos apresentados neste trabalho têm papel fundamental para acelerar o processo de familiarização dos estudantes com a Língua Inglesa, pois através

do Letramento o aprendizado faz sentido, o processo se torna mais divertido e lúdico, servindo de estímulo para a curiosidade e interesse dos alunos.

E por fim, após o reconhecimento das vantagens da implementação do aprendizado bilíngue desde a primeira infância, além de admitir a importância deste conhecimento para a vida social e profissional futura dos alunos, e conseqüentemente a movimentação do capital/economia da sociedade em longo prazo, pode-se entender que o ensino bilíngue deveria ser assegurado para toda a sociedade através do sistema de educação público.

Porém, esse é um sonho muito distante de se realizar, e isso se deve a vários fatores, como por exemplo a falta de professores qualificados (formação continuada na área), a má remuneração dos funcionários, poucas opções de livros didáticos bilíngues, falta de recursos financeiros e equipamentos disponíveis nas escolas, o preconceito que ainda existe culturalmente acerca do ensino bilíngue, entre outros.

Diante dessas dificuldades que estão presentes no ensino básico da educação pública no Brasil, entende-se que a implementação de um ensino bilíngue na rede pública está muito longe de acontecer. Portanto, as únicas opções de ensino de duas línguas simultaneamente, ainda é um privilégio para pequena parte da sociedade, que possuem condições de pagar uma instituição de ensino privado.

REFERÊNCIAS

ALFERES, Márcia Aparecida. **Alfabetização e Letramento: tecendo relações com o pensamento de Paulo Freire**. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601130727.pdf]. s/d. Acesso em 12/03/2022.

BENCHIMOL, Ana Carolina. **Bilinguismo, educação bilíngue e escolas bilíngues**. Orientador: Alberto Roiphe. 2011. 47 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em [<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/AnaCarolinaBenchimol.PDF>].

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**, New York: Henry Holt, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e ação no Magistério**. 1. Edição São Paulo: Scipione, 1998.

Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês. Oxford: OUP, 2002.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização e Cultura Escrita**. Revista Nova Escola: São Paulo. Disponível em [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0162/aberto/mt_245461.shtml], 2003, p 27-30. Acesso em 27/03/2022.

FLORY, Elizabete Villibor, e SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. **Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações**. 2009, p 24.

HAMERS, Josiane F. e BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HATCH, Evelyn e BROWN, Cheryl. **Vocabulary, semantics, and language education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p 125

MACNAMARA, John. **The bilingual's linguistic performance**. Journal of Social Issues, New York. 1967, p 58-77.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação e Câmara da Educação Básica. **Projeto de resolução. Capítulo I e II**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2020-pdf/156861-pceb002-20/file]

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualificativa: características, usos e qualidades**. Caderno de pesquisas em administração. 1996, V.1, nº 3, p 1.

PASSOS, Ana Carolina. **Alfabetização bilíngue: o ensino-aprendizado da segunda língua no ensino fundamental I e o fator idade**. 2017, p 8.

PEARSON, Barbara Zurer, FERNANDEZ, Sylvia C., OLLER, Kimbrought. **Lexical Development in Bilingual Infants and Toddlers: Comparison to Monolingual Norms**. 1993.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições**. 1996, p.96

SIQUEIRA, Ellen Cristina Gerner, HUBNER, Lilian Cristine, e WILSON, Maximiliano Agustin. **A leitura de palavras no bilinguismo sob o viés do modelo de dupla rota: uma revisão sistemática**. Letronica. 2017.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 1998, p 33.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2004, nº25.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortes, 1995.

VIGOTSKY, Lev Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich, LEONTIEV, Alex N.. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de: Maria da Pena Villalobos. 11a edição - São Paulo: Ícone, 2010.